



RESUMO DO ESTUDO SOBRE A CATEGORIA SOCIAL EDUCAÇÃO E OS ALUNOS DO
PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO FUNCIONAL DO MOBRAL*

Tania Dauster (Coord.)**

Helena Ponce Maranhão **

"Porque, olha, o imprego podia ser um outro melhor,
intendeu? Porque hoje quem tem istudo, tudo é o
istudo, qui quem não sabe lê é capacho dos otros,
é cavalo dos otros...;" (A.P.)

INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto de um trabalho de equipe desenvolvido entre janeiro de 78 e novembro de 79 no Conjunto Habitacional Cidade de Deus, com os moradores desta localidade e, em particular, com os alunos que frequentaram o Programa de Alfabetização Funcional no segundo semestre de 1978.

O projeto surgiu a partir do pressuposto de que a passagem pelo Programa de Alfabetização Funcional teria efeitos diferenciados, simbólicos ou concretos, sobre o aluno. Estes efeitos poderiam ser pensados desde o ângulo estritamente pedagógico, ou seja, a

* Apresentado na 32ª Reunião da SBPC, no Rio de Janeiro. O estudo original encontra-se sob a forma de um relatório final de pesquisa contendo 226 páginas. Da pesquisa participaram, ainda, Paulo de Góes Filho, Leda Maria O. Pereira e Carmen Dora Guimarães.

** Equipe do Setor de Pesquisa - SEPES/MOBRAL

assimilação de códigos de leitura, escrita e cálculo, mas também em relação a outros aspectos, tais como: sócio-econômico, psicológico, lingüístico. Para avaliar estes efeitos, parecia-nos fundamental registrar o que as pessoas envolvidas tinham a dizer sobre o processo de alfabetização e como se viam dentro da sociedade.

Com estas questões em mente partimos para a primeira fase de trabalho de campo. Tínhamos como objetivo realizar algumas entrevistas, semi-estruturadas, abordando as histórias de vida das pessoas e focalizando o significado da sua passagem pelo MOBREAL.

Neste trabalho de campo, emergiu como questão principal a ser estudada o significado ou valor simbólico da educação enquanto categoria social. A partir deste referencial mais amplo, acreditávamos poder compreender também as formas de apropriação do curso de alfabetização funcional pelo grupo.

Uma vez delimitada nossa problemática, optamos por uma abordagem antropológica do nosso objeto de pesquisa. Para tal apresentou-se como fundamental recorrer à observação participante, à entrevista aberta, ao contato direto com o universo investigado. Da mesma forma, consideramos a importância do levantamento etnográfico do local, sua descrição física e social, enfim, a descrição do contexto no qual a pesquisa seria desenvolvida, e a elaboração de um novo roteiro.

No roteiro elaborado na segunda fase do projeto, as questões propostas na entrevista se revestiam de maior estruturação, com algumas perguntas-chaves, focalizando, nas etnografias, a categoria "saber", tanto em relação a situações de vida, como ao trabalho e escolarização. Seria dada ênfase, também, às relações sociais estabelecidas na trajetória de vida de cada um, inclusive o significado que tiveram para a aprendizagem realizada. Buscávamos, ainda, articular o saber do cotidiano com o saber formal, no que havia de convergente ou divergente.

Teoricamente, preparamo-nos para esta segunda fase no campo, através de leituras focalizando os temas da Marginalidade e Educação.

Para levantamento etnográfico foram registradas, em caderno de campo, as observações e impressões obtidas no decorrer da pesquisa e paralelamente foi feito o acompanhamento de classes do Programa de Alfabetização Funcional, naquela localidade.

Finalmente, quanto à recuperação do discurso do grupo, sob o ponto de vista metodológico, a análise resultou do estudo das categorias (como o ator se classifica e aos outros nas diferentes situações) e representações sociais que compõem a visão do mundo do grupo em questão.

Buscamos resumir os principais momentos que definiram a trajetória do projeto, com a finalidade de esclarecer o esforço de descoberta da equipe.

Desejamos reafirmar que um dos pontos relevantes do método empregado nesta pesquisa foi a disposição de ouvir as pessoas e de procurar ver as coisas de seu ponto de vista, sobretudo, o "uso" simbólico e concreto que uma determinada clientela do MOBRAL faz da educação, nosso objetivo final.

Pretendemos focalizar aqui dois aspectos que nos parecem os mais significativos e que foram elaborados com base nos depoimentos:

— o uso simbólico da Educação e representações relativas ao MOBRAL;

— e as relações e representações do grupo acerca da categoria trabalho.

EDUCAÇÃO E TRABALHO

Neste tópico, buscamos fazer um reconhecimento das condições e experiências de trabalho do grupo estudado, com o objetivo de esclarecer as relações que estes indivíduos mantêm na esfera do trabalho.

O foco de análise incidu na reconstrução dos relatos de suas experiências no trabalho. Assim, o material empírico foi visto à luz de abordagens que permitissem recuperar as modalidades de inserção do grupo no mercado de trabalho.

O grupo estudado situa-se entre as "camadas de baixa renda", integradas ocupacionalmente no mercado urbano.

Procuramos separar do contexto de análise qualquer perspectiva que entenda estes setores como "marginais" ou "sub-integrados" à sociedade, definindo-os, em geral, como portadores de normas, valores, condutas e aspirações incompatíveis com as formas organizativas e associativas de uma sociedade complexa, diversificada e competitiva. Estas perspectivas, partindo de indicadores tais como renda, ocupação, etc., costumam compreender a "marginalidade" como resultante de uma assimilação precária de padrões modernos em confronto com a carência cultural típica destas camadas. (conforme críticas de Kowarick, 1977 e de Perlman, 1977).

Buscamos apreender as formas de inserção destes trabalhadores a partir do entendimento do mercado de trabalho manual urbano, como constituído por subsistemas de emprego e de ocupação (Machado, 1971).

As Relações no Trabalho

As representações dos sujeitos investigados acerca do "universo do trabalho" revelam as condições que definem sua situação no mercado de trabalho. Estas condições referem-se ao tipo de inserção no mercado e propõem a existência de experiências comuns que expressam uma situação de classe.

Situação Ocupacional

O reconhecimento da situação ocupacional do grupo salientou uma distinção sexual, isto é, os homens exercem funções diversificadas

no mercado de ocupações; enquanto que as mulheres, inversamente, têm sua inserção no trabalho restrita ao emprego doméstico remunerado. O grupo estudado está engajado em atividades ligadas ao trabalho manual urbano, realizadas nas situações circunscritas ao mercado não formalizado de ocupações.

Além disso, o grupo apresenta uma certa peculiaridade do ponto de vista etário: as mulheres são, em geral, mais velhas que os homens e estes são majoritariamente situados em faixas jovens (16 - 22 anos). Isto ocorreu porque na escolha dos informantes buscamos obedecer a distribuição etária encontrada nas classes de alfabetização sob observação. Assim, tal fato está estreitamente relacionado ao entendimento da inserção destes jovens no mercado de trabalho.

Sua integração ao mercado de trabalho revela uma forte instabilidade e sua condição ocupacional define-se na situação de "ajudante": a penetração no mercado de trabalho se faz através da ligação a um "profissional", na maioria dos casos definido como um "biscateiro" ou "trabalhador por conta própria". Estão situados num mercado de ocupações surgido das condições próprias do mercado não formal.

Exercem, então, ocupações ligadas ao pequeno comércio local, oficinas artesanais, construção de casas na localidade, etc. Em geral, suas relações de trabalho referem-se ao subsistema informal.

Para uma compreensão das formas de inserção do grupo no trabalho parece importante recuperar também a situação de "não trabalho" ou "sem ocupação", na medida em que expressam a instabilidade ocupacional definidora de sua inserção no mercado. Não estar trabalhando significa espera e disponibilidade para se ocupar em qualquer atividade que não exija qualificação. Neste sentido, esta situação deve ser repensada não em função de uma delimitação de um período ou tempo que defina o desemprego, mas buscar descobrir, nestas modalidades de trabalho, as condições que esclarecem a inserção, destes grupos, no mercado de trabalho.

"Os Patrões"

As imagens do grupo com respeito à relação com o "patrão" sugerem um substrato comum relacionado com as condições típicas de desvalorização e submissão do trabalho manual na sociedade. A apreensão destas condições pode ser resumida considerando quatro versões ou interpretações que avaliam o trabalho e o patrão e mantêm certa correspondência com o tipo de inserção dos informantes.

A percepção da relação com o patrão como familiar, reproduzindo afetividades reconhecidas como da família, refere-se principalmente às empresas domésticas com antiguidade no "serviço" ("... eu lá sou uma filha, eu sou tratada como uma filha...").

Assumindo como familiar, a desigualdade é transformada em mera diferença de oportunidades, tendendo, deste modo, a explicitar uma aceitação da hierarquia social. O "poder dos patrões" reafirma-se na medida em que atribui sua segurança às "benesses dos patrões" e os representa como portadores de sua estabilidade no presente e no futuro. Neste sentido, a apreensão da dependência apenas reforça a aceitação das desigualdades e de sua posição na estrutura social como "natural e irreversível". Ao mesmo tempo realiza um esforço para distinguir-se de sua situação de classe, na busca de identificação e intimidade com os patrões. Ou seja, na medida em que o comportamento das classes superiores é visto como reflexo das normas de conduta socialmente valorizadas.

Temos, ainda, a seguinte versão relacionada ao emprego doméstico remunerado. Avaliado como um trabalho "pesado" e desvalorizado, onde a exploração é relacionada ao excessivo desgaste físico. ("... uma profissão que a pessoa se estora a bessa ali...").

Este tipo de visão propõe uma maior acuidade na percepção do conflito "patroa/empregada". Mesmo explicitando certa condescendência ("... se duvidã gente num tem nem folga lá na casa de madame: a minha é muito boazinha sabe?), pode se observar uma

necessidade de resistência e delimitação da submissão. Assim, o jogo que se estabelece busca transformar "favores" em "direitos" e amenizar, do ponto de vista do ator, a imagem de subserviência.

Desse modo, a empregada doméstica parece deter um relativo "controle" de sua ocupação — tanto em relação à possibilidade de barganhar seus interesses junto a "patroa" e assim consolidar certos direitos no "serviço", quanto também, caso estes interesses não sejam reconhecidos, a oferta de empregos domésticos, por meio de uma rede de relações e possíveis "laços de clientela", permite buscar condições de trabalho mais vantajosas.

A próxima versão ou interpretação propõe uma quase legitimação da "dominação" a partir da apreensão de uma forte dependência do patrão. Evidencia a relação que se estabelece entre "biscateiro" ou trabalhador por conta própria e "ajudante". A subordinação é explicitada pelo reconhecimento dos "direitos do patrão" ("... é lógico que ele vai mandar embora, eles (patrões) tem direito né, realmente eles vão me mandar embora então tem que ficar ali com eles preso..."). Evidentemente tal percepção surge de uma apreensão da relação pautada sobre um forte dado de realidade, ou seja, os informantes trazem para o seu discurso, as condições de instabilidade e insegurança que caracterizam sua relação de trabalho definidas por um "redobramento" (ou dupla instabilidade) das condições típicas do mercado não formal.

A última versão observada sugere uma aparente "inversão" em relação às anteriores e relaciona-se a uma situação de trabalho onde os direitos e deveres dos polos da relação estão relativamente definidos. A relação se estabelece entre "patrão" e "empregado", existindo regulamentações e normas contratualmente constituídas.

O patrão é visto como também "servindo" ao empregado ("... o bom patrão é aquele que serve o empregado na hora que precisa, entendeu?... quando chega no dia certo, tã lã o dinheirinho... nunca me deixa de num pagar, aquilo qu'eu acho bom patrão..."). Este tipo de posição assume certa peculiaridade em relação ao grupo e propõe um "deslocamento" no que concerne a determinações de relação. Neste caso, os polos apresentariam uma suposta determinação mútua esclarecida na apreensão de que o "patrão"

também tem de "servir ao empregado", cumprindo com seus "deveres" que, neste caso, se restringem ao pagamento em dia. Esta visão somente revela a instabilidade do empregado mesmo numa relação de trabalho referente ao mercado formal de empregos. Ele apenas espera do "patrão" o cumprimento da exigência mínima que define a relação. Ou seja, a aparente exigência do empregado limita-se apenas ao aspecto básico que define a relação de trabalho numa sociedade capitalista.

Na medida em que buscamos descrever as modalidades de inserção do grupo de trabalho, considerando a organização do mercado manual urbano como configurado por dois subsistemas definidos por relações de trabalho específicas, pudemos perceber que a existência de relações pessoais e diretas com o "patrão", de caráter "tradicional" e personalista propõe um aprofundamento, além do reconhecimento dos vínculos legais, dos tipos de relações que se realizam no interior do mercado formalizado. Assim, é necessário salientar que no âmbito do mercado formal se encontram relações de trabalho diversificadas que, em alguns casos, apenas se assemelham quando se considera sua definição legal.

As imagens acerca da relação de trabalho ressaltam um traço comum definido pela inserção do grupo no mercado urbano de trabalhadores manuais e sugerem uma tendência em pensar a sociedade como um modelo hierárquico — "produto de relações especiais no trabalho e na comunidade" (Lockwood, 1974). Esse tipo de apreensão possivelmente justifica e reforça a aceitação da submissão e também reflete uma percepção da não valorização destas ocupações na sociedade. A posição ocupada na estrutura social não merece questionamento porque resulta de um sistema "natural" de divisão social — sustentado numa atribuição diferenciada de prestígio e status.

Trabalho e Aprendizagem

Em relação à questão do trabalho e de sua aprendizagem, nossa tentativa em abordar a aquisição de determinadas habilidades para a sua execução, por meio da noção de aprendizado e de termos como "aprender e ensinar", revelou que o grupo estudado dificilmente decodifica sua experiência e treinamento como aprendizado "in

stricto sensu". Isto é, as habilidades são adquiridas pela observação e não ensinadas, enquanto que o aprendizado está restrito a uma situação objetiva de ensino onde o indivíduo está intencionalmente sendo orientado por alguém para "aprender".

Assim, provisoriamente, reconstruímos as condições de sua socialização no trabalho, considerando os seguintes aspectos: no caso das empregadas domésticas, a aquisição de conhecimentos no trabalho como decorrente de uma experiência familiar recuperada e reelaborada; e, em relação às ocupações masculinas, localizar na situação de "ajudante" a única possibilidade de profissionalização, embora, em muitos casos, a intensa rotatividade ocupacional surja como um possível obstáculo.

Os modelos e imagens sobre a aquisição de habilidades profissionais permitem especular que a "aprendizagem" sustentada nas experiências do cotidiano e na esfera do trabalho não induz obrigatoriamente, do ponto de vista deste grupo estudado, a uma valorização do conhecimento estruturado em suas condições de classe.

A subordinação e desvalorização das atividades manuais é de tal forma introjetada que, em confronto com a sociedade, sua experiência parece ser quase avaliada como não portadora de conhecimentos específicos. Mesmo que as habilidades aprendidas tenham utilidade para o cotidiano e para o trabalho, não comportam signos de prestígio social e de reconhecimento e posicionamento do grupo frente aos valores dominantes.

"Emprego melhor e profissão"

A questão da aspiração com respeito à mudança de trabalho e ocupação toca mais nos pontos anteriormente abordados, pois, através dela, as demais relações são avaliadas. As aspirações do grupo explicitam um confronto entre suas expectativas e possibilidades e a percepção de uma hierarquia profissional que corresponde a oportunidades e formas distintas de inserção no mundo do trabalho.

Assim, o reconhecimento destas aspirações propõe uma visão mais conflituosa e aguda acerca das condições de trabalho, relacionadas basicamente a uma constatação de sua instabilidade ocupacional e traduzida também por uma insatisfação com as relações vivenciadas no trabalho.

A mudança de trabalho, então, significa, para o grupo estudado, o desejo de obter um "emprego melhor", definido pela inserção no mercado formal de empregos que, além da estabilidade e regularidade, propõe uma possibilidade de substituição de uma relação de trabalho compreendida como de subordinação direta e explícita por uma mais "impessoal" porque é exercida num contexto de trabalho diferente do atual.

O "emprego melhor" é aquele que proporciona carteira assinada e benefícios previdenciários, exercido também em locais como escritório, escolas, repartições públicas, supermercados; enfim, fora de contextos representados como diretamente vinculados às ocupações manuais exercidas pelo grupo.

Assim, a visão sobre o "emprego melhor" sugere também a necessidade de determinar um contexto de trabalho "neutro", onde a subordinação não seja diretamente reconhecida.

O contexto ou lugar onde o trabalho é exercido parece ser importante para avaliar "as dimensões de sua dependência": conforme é percebido como diverso, no caso dos ajudantes, do tipo de relação vivenciada no seu trabalho atual (relação ajudante/biscateiro) e, das domésticas, do domínio doméstico do "patrão"; tendem a representá-lo como relacionado ao estabelecimento de outras relações de trabalho, onde a dependência não é claramente apreendida.

Deste modo, especialmente no emprego doméstico percebemos que a mesma atividade manual executada pode assumir significados específicos, dependendo da representação acerca do contexto ou lugar

de trabalho. Por exemplo, realizar o mesmo trabalho doméstico como merendeira em uma escola pública significa exercer uma atividade valorizada e aspirada por estes informantes.

Quando se referem à obtenção de um "emprego melhor", suas aspirações educacionais e profissionais associam-se à possibilidade de mudar as características de suas relações de trabalho, através da expectativa de uma qualificação que possibilite penetrar diferencialmente no mercado formalizado.

Na medida em que esboçamos a apreensão do grupo acerca das aspirações de trabalho e de "profissão", podemos, resumidamente, salientar que a sua compreensão da hierarquia ocupacional reafirma uma percepção da organização social sustentada numa atribuição diferenciada de prestígio e status referente à divisão social do trabalho. Demonstram uma aceitação da educação como único meio disponível de ascensão e mobilidade social. Neste sentido, os valores e representações impostos para legitimação e reconhecimento da ordem dominante são corroborados.

Evidentemente, tal percepção contém um forte dado de realidade, mas tende, fundamentalmente, a deslocar da problemática deste grupo a existência de interesses específicos e antagônicos de classe que são, assim, revestidos de meras diferenças exclusivamente relacionadas a uma maior ou menor oportunidade educacional.

Procuramos, então, a partir deste material sobre a experiência ocupacional do grupo, recuperar alguns traços que permitissem definir sua apreensão sobre as condições e relações vivenciadas no trabalho.

A tendência do grupo estudado de associar mudança profissional e educação (ou "estudo") está estreitamente relacionada a sua participação num programa de alfabetização, explicitando, assim, uma fidelidade a certas idéias correntes que atribuem exclusivamente à educação a capacidade de impulsionar a mobilidade ocupacional destas camadas sociais.

Assim, estas reflexões devem ser tomadas como pistas para aprofundar uma investigação sobre o universo de trabalho e ocupação das "camadas de baixa renda".

EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL

Como foi dito, este trabalho teve como objetivo principal analisar e interpretar as representações relevantes para um determinado grupo de pessoas quanto à categoria Educação e quanto a aspectos da experiência no MOBREAL.

Buscou-se atingir o objetivo proposto, levando em conta o ponto de vista das pessoas entrevistadas, como elas apropriavam-se do Programa de Alfabetização Funcional e pensavam a Educação.

Nesta perspectiva, e com a preocupação assumida de privilegiar o discurso do "sujeito - informante", as questões que nos pareceram mais relevantes ligavam-se aos sentimentos, valores e representações que levam alguém a procurar a alfabetização. Nos depoimentos analisados, declarações como as seguintes foram encontradas: "quem não sabe ler e escrever está fora da sociedade, é "cego", é "cavalo dos outros", "a falta de leitura e de escrita faz a pessoa ignorante", "mal educada". Entrevia-se uma relação entre "educação" e "bom comportamento", uma relação entre educação e estar "fora" ou "dentro" da sociedade e o uso de metáforas particularmente expressivas cujo significado foi aprofundado no decorrer do trabalho.

No discurso do grupo estudado o termo educação engloba dois significados distintos que, mesmo quando aparecem como complementares, mantêm uma relativa autonomia. Estes significados diferentes aparecem quando os entrevistados se referem a duas instâncias sociais básicas, ou seja, o mundo da casa e o mundo da rua (trabalho/escola) - (Da Matta, 1979).

A estas duas realidades diversas, estariam ligadas as representações de "educação" e "estudo" a partir das quais, o grupo estabelece algumas associações que merecem destaque:

Educação ≠ Estudo	
Educação = casa	Estudo = trabalho/escola
vem de berço	• riqueza
bons comportamentos	• emprego melhor
respeito aos outros	• ganhar mais
boas maneiras	• vencer na vida
orientação da família	• casa grande
saber lidar	• mandar
	• profissão alta
	• felicidade
	• escritório
	• coisa humana
	• assinar nome
	• abuso

As formulações encontradas nos depoimentos sobre a "educação" tendem a defini-la como características das relações no interior da família e como função obrigatória da primeira socialização (Berger, 1973) do indivíduo.

Sob o ponto de vista das pessoas consultadas tanto a "educação" como o "estudo" eram extremamente valorizados, com as diferenças básicas incorporadas a um e outro termo.

O significado desta "educação" como predicado que "vem de berço", atributo familiar, aquisição de "boas maneiras", de um "falar bem" constitui-se como valor e aptidão que capacita o indivíduo a atuar na sociedade.

Sendo assim, e a partir da visão de mundo e das relações que os entrevistados estabelecem nas suas diferentes situações de vida, a "educação" adquirida nesta primeira socialização, na família, constituir-se-ia como um "passaporte" mínimo para reconhecimento e trânsito social.

Os entrevistados se ressentem da ausência de "estudo" na sua história de vida que, segundo eles, poderia ter sido diferente caso tivessem passado pela escola. Por esta razão, enfatizam os valores ligados à "educação", significando aquisição de atributos de bom comportamento e bem falar, compreendidos como típicos de uma camada social diferente da sua, inclusive porque quem tem esta "educação" pode até passar por ter "estudo", neste contexto.

O saber desta "educação" é visto como algo acumulado espontaneamente, como um processo peculiar à socialização básica que independe da aprendizagem sistemática formal, própria ao sistema educacional, veiculada concretamente pela escola, ou seja, é diferente do "estudo".

A partir das primeiras leituras dos depoimentos perguntávamos até que ponto as representações vinculadas à Educação (*) reproduziam ou não a ideologia corrente que tende a vinculá-la à equalização de oportunidades sociais e à mudança social.

Em suma, procuramos saber como estes valores estariam sendo apropriados pelo grupo.

Recorrendo ao material trazido pelas pessoas entrevistadas, haveria no grupo uma representação comum em relação ao estudo.

(*) Daqui em diante será utilizado o termo estudo no lugar de Educação conforme foi de uso corrente nos depoimentos consultados.

O estudo constitui-se em ponto de referência para elaborar as diferenças entre ricos e pobres e compreender a hierarquia vivenciada nas relações sociais.

Ainda, na representação mais recorrente do grupo o "estudo" assumia um valor significativo por estar simbolicamente associado a um melhor emprego, à saúde, à auto-imagem, à resolução de problemas imediatos, à ascensão social (sobretudo através dos filhos) representando assim uma via possível para melhores condições de vida.

Nas representações que o grupo expressou a respeito do valor do "estudo" na sua história de vida existiam pontos convergentes na explicação fornecida para a falta de oportunidade de escolarização. Com frequência a relação com os pais foi considerada como a causa imediata e próxima, embora os problemas sociais de migração, trabalho precoce, ausência de escola no local de moradia, ou mesmo a questão do acesso tardio fosse também mencionadas.

A dificuldade na aprendizagem e o fracasso escolar eram sempre explicados em nível do indivíduo. A capacidade de cada um era vista como o fator determinante do êxito. As duas situações fundamentais — "trabalho" e "estudo" — correspondiam, respectivamente, as representações "boa cabeça" (para o "trabalho", sobretudo no caso das domésticas), e "boa memória" (por ausência) para o "estudo".

Por outro lado, os atributos como "a boa memória" ou "a boa cabeça" são representados como fenômenos naturais pertencentes ao reino das "aptidões", algo dado "a priori", independente da situação em que se encontra cada grupo na sociedade. (Bisseret, 1979).

O informante, ao qualificar-se através do uso de imagens que traduzem "aptidões", desviava o foco explicativo das desigualdades e dos desníveis sociais inerentes a esta organização social e localizava a explicação em uma outra ordem — ou seja — a do indivíduo.

Entretanto, as imagens da "boa cabeça" para o "trabalho" e da falta de "boa memória" para o "estudo" remetem a um outro tipo de problemática ligada à cultura, valores e primeira socialização deste grupo.

Nesta mesma linha, diríamos que as dificuldades em assimilar os conteúdos transmitidos pela escola através de práticas em contradição com a primeira socialização do grupo eram verbalizadas através das expressões tais como "ter cabeça dura" ou "não ter boa memória para o estudo". Enquanto, para o "trabalho", que faz parte integrante da sua primeira socialização, "a cabeça é boa".

Essas representações que servem para justificar o fracasso e dificuldade de aprendizagem escolar são atribuídas pelos informantes tanto ao seu passado — a visão que têm da sua infância, como também ao seu presente quando se referem aos "bloqueios" de aprendizagem que o adulto analfabeto possui.

A dificuldade na aquisição do código da leitura e da escrita foi justificada pelo "esquecimento". Talvez fosse o caso de perguntar se o próprio "esquecimento" também, em vez de ser explicável por um problema de memória, não se justificaria na própria cultura do grupo, na qual os códigos da leitura e escrita assumem um diferente significado e, por isto, são mais difíceis de reter. (Cunha, 1977).

Até aqui apresentamos as imagens relacionadas à Educação/Estudo com ênfase em formulações mais gerais produzidas pelo grupo. Formulações que, supostamente, refletem os valores mais abrangentes encontrados na própria sociedade. Buscamos ainda, no passado do grupo, verificar quais as representações mais recorrentes para explicar a ausência de escolarização em sua vida, partindo dos seus próprios depoimentos.

O caminho percorrido foi complexo, contraditório e não é linear. Pôde-se vislumbrar que ao lado dos valores abrangentes e legitimadores do sistema social, tendo em vista o objeto em

questão — ou seja a Educação — outros surgem que demonstram a especificidade do pensamento destas pessoas e que levam a marca da sua experiência de vida. Embora conheçam bem a sua realidade, se permitem entretanto a esperança. Nesta perspectiva, o jogo de aspirações e desejos ligados à Educação se diferencia na medida que falam de si mesmos, das suas próprias expectativas, ou se referem aos filhos (depositários da esperança e para os quais as aspirações são por vezes transferidas) com valores matizados, sejam eles do sexo masculino ou feminino. Nesta dialética não é esquecida, entretanto, a base material de vida na dificuldade de concretização destes desejos.

Considerando o que foi dito, buscamos aprofundar estas questões a partir da visão que o grupo manifestou sobre as suas expectativas, em nível bem concreto, quanto às suas aspirações em relação aos filhos.

Por um lado, como já foi dito anteriormente, o "estudo" é o elemento usado como eixo para discriminar, organizar e diferenciar pessoas dentro da sociedade, e neste sentido está correlacionado à idéia de mudança social; por outro, o significado a ele atribuído é dimensionado de forma muito realista levando em conta a maneira pela qual os integrantes do grupo se situam na sociedade.

A relação que se estabelece entre "estudo" e ascensão social é relativizada pelas circunstâncias sócio-econômicas do grupo. O "estudo" pode ser usado para estabelecer diferenças e hierarquias dentro da sociedade, e também como apoio para pensar um futuro melhor para os filhos.

As explicações dadas pelos informantes neste campo não implicam, necessariamente, numa idealização de uma trajetória ascendente, que é sugerida ao se falar em um futuro melhor para os filhos, embora em determinados casos ocorram manifestações tais como o desejo de que os filhos venham a ser engenheiros ou advogados.

MOBRAL/SUPLETIVO

O valor atribuído pelos informantes ao "estudo" possibilita que possamos pensar melhor a respeito dos motivos que influenciam os entrevistados a procurar a alfabetização, no caso específico, o MOBRAL. Acreditamos também ter podido alcançar algum nível de percepção sobre o modo pelo qual o grupo em questão é capaz de apropriar-se do processo de alfabetização, tanto através das imagens anteriormente referidas (Educação/Estudo), quanto através do que era manifesto sobre a relação do "sujeito-informante" com a alfabetizadora, seus colegas, e com o Programa de Alfabetização Funcional do MOBRAL. Dentro deste contexto, então, procuramos analisar as classificações utilizadas para reconhecer as relações sociais existentes.

Possivelmente, a procura do MOBRAL estaria correlacionada a problemas de ordem prática do cotidiano e à vivência de desprestígio gerada pela situação de analfabetismo.

As motivações dos alunos nem sempre se manifestam face aos valores mais abrangentes típicos das classes médias que associam Educação à mobilidade social ou à equalização das oportunidades econômicas. (Cunha, 1977 e Weber, 1976).

Parece que a motivação mais primária diz respeito à assinatura do próprio nome, que assume importância, através do significado simbólico que o grupo atribui a este fato e que, de certa forma, orienta a sua prática, como se buscará mostrar.

O MOBRAL é visto como o lugar que representa o limiar da passagem deste processo analfabeto/alfabetizado. Constitui-se, primeiramente, como espaço em que a ruptura pode ser alcançada e resolvida esta dicotomia.

O MOBRAL aparece ainda como mediador entre uma e outra situação e, como tal, presta um serviço que é valorizado por uma parte do grupo. Sobretudo as mulheres, donas de casa, que desejam tirar seus documentos, na medida em que se consideram inseguras sem eles para tomar providências em situações de doença, morte,

acidente, compra a crédito, etc.

É sabido que o único documento ao qual o analfabeto não pode ter acesso é o título de eleitor. Para os demais, a assinatura não se faz necessária, requer-se apenas a impressão digital. No entanto, a impressão digital no documento assume valor de estigma, representando "a pessoa que não sabe nada, a pessoa burra", o que implica em uma vivência de desvalorização.

O valor simbólico da assinatura do nome possui aspectos subjetivos e objetivos:

1 - quanto aos aspectos objetivos permite:

- a) resolução de problemas práticos;
- b) obtenção do título de eleitor.

2 - Quanto aos aspectos subjetivos:

- a) sentimento de auto-estima;
- b) sentimento de maior segurança na sociedade;
- c) mudança na auto-imagem.

Em certos casos, a apropriação do Programa pode esgotar-se no aprendizado da assinatura do próprio nome. Parece que o importante aí é que, em determinadas circunstâncias, o indivíduo não sofreria o estigma de uma imagem socialmente desvalorizada, ao passo que resolveria problemas práticos de importância.

A partir dos quinze anos, aquele que não conseguiu cursar o primário vê terminadas suas possibilidades de acesso à escola pública diurna.

Nesse caso o MOBREAL aparece e é procurado como uma etapa para atingir o Supletivo, percebido pelo grupo como o sistema ao qual suas oportunidades educacionais estão ligadas.

A definição de um "bom estudo" tem como paradigma o ginásio, o

que demonstra mais uma vez que o MOBRAL é visto neste caso como parte de uma trajetória mais ampla.

Por outro lado, as expectativas em relação ao MOBRAL ainda podem ser traduzidas numa aspiração de melhor inserção no mundo do trabalho, nos termos que já foram aqui mencionados.

Basicamente, poderiam ser identificados então três tipos de apropriação do curso de Alfabetização Funcional:

- para obtenção de documentos assinados;
- como uma etapa para atingir o supletivo;
- como mediação para um trabalho melhor.

Aparentemente, o Programa de Alfabetização Funcional é procurado também por aqueles que já foram alfabetizados e que desejam uma rememoração. Estes indivíduos, na realidade, por serem semi-alfabetizados não podem prosseguir os estudos e buscam o MOBRAL diversas vezes.

Este retorno possivelmente tem outros significados além do indicado.

A julgar pelas imagens que o grupo expressou a respeito das relações em sala de aula, tanto com os colegas quanto com a alfabetizadora, o processo de alfabetização estaria reproduzindo práticas e valores, habitualmente vinculados ao sistema formal de ensino.

Dentro desta perspectiva é significativo o valor que se empresta ao diploma do MOBRAL. O ritual de alunos que se "formam" e ganham o diploma reproduz também um processo existente no sistema formal, onde os diplomas aparecem como atestados de etapas cumpridas, legitimadoras e hierarquizadoras do sistema educacional.

O diploma do MOBRAL atestaria então a passagem de analfabeto para alfabetizado.

É possível que os sentimentos de auto-desvalorização manifestados

pelo grupo a partir do analfabetismo sofram em parte o mecanismo de inversão referido, durante o próprio programa de alfabetização, pelo fato de estarem inseridos no processo.

Por hipótese, então, o MOBREAL representaria o lugar da transição, (GENNEP, 1960), o espaço do rompimento da dicotomia analfabeto/letrado, constituindo-se como ritual de passagem do analfabetismo para a situação valorizada que o nega.

Procuramos também registrar as representações que os informantes produzem a respeito do analfabetismo — como vêem o analfabeto, as imagens a ele associadas, como o qualificam e classificam no contexto delimitado pela pesquisa.

As imagens referidas são de tal força que talvez dispensem qualquer comentário. Neste caso, quase se poderia argumentar que as representações falam por si.

Os significados e as relações que são recorrentemente encontradas, quando o grupo fala do analfabeto, apontam para o sentimento de desvalorização corrente na sociedade. Esta representação é tão significativa que obscurece a importância que, em outros momentos, ele empresta à sua experiência de vida e ao conhecimento acumulado no trabalho.

A construção das imagens usadas pelo sujeito leva a crer que ele percebe a "sociedade", classificando o analfabeto na categoria de "coisa" ou "animal", sendo assim subordinado, dirigido e espezinhado. Ao mesmo tempo legitima esta representação na medida em que o "estudo" serve, na visão do grupo, como eixo hierarquizador e qualificador de prestígio e status na estrutura social.

Vejamos a fala de um entrevistado:

— Porque hoje quem tem istudo, tudo é o istudo, qui quem não sabe lê é capacho dos otros, é cavalo dos otros..."

Ou, então, em uma conversa de família:

— "Analfabeto? É... sei lá é muito chato pra falar sobre analfabeto. Eu entendo como uma pessoa burra...

"— Ah! Eu num entendo porque ela falou isso, porque depende da pessoa sabe assina o nome; aí, não é chamada de burro, porque burro não sabe assinar o nome, não é?

— "É.

— Gente assim é um animal, pô, a gente não pode considerar um animal como ser humano".

Resta ainda uma definição do analfabeto, apontando mais uma vez para um valor simbólico negativo.

" ... pissoa que num sabe lê não sabe nada é cego, cego, cego. Cego, é completamente cego, as ves a pissoa as ves é cego né puquê é cego só dos olhos, não é quem num sabe lê. Que a coisa mais chata é a gente vê uma pução de letra assim, olhá e num sabe que diabo tá iscrito".

Depreende-se das diversas representações e metáforas utilizadas para definir o analfabeto, que o grupo não apenas relata as experiências de desprestígio vivenciadas mas também assume como sua a visão dominante.

Finalmente, analisamos o resultado do processo de alfabetização, no campo das representações dos informantes.

Embora os códigos de leitura e escrita sejam apreendidos com uma certa simultaneidade, a aquisição da escrita engloba, além da percepção, decodificação e uso dos símbolos da língua, uma outra habilidade motora e intelectual.

Pela lógica, a escrita necessariamente implicaria na leitura, mas, o contrário, necessariamente, nem sempre se daria.

Com base em depoimentos e aliados às nossas observações na sala de aula, fazemos a seguinte interrogação: até que ponto a definição de leitura e escrita no grupo, muitas vezes, não permanece no

nível mecânico ou motor de reconhecimento dos significantes, escapando, por outro lado, o reconhecimento dos significados. Ou seja, no grupo, frequentemente, a cópia do quadro negro, o desenho das palavras, confunde-se com a noção de escrita. A mesma atividade de cópia pode vir a ser definida como leitura.

Diríamos, tendo isto em vista, que as concepções de escrita e leitura possivelmente têm outros valores no grupo, que podem incidir sobre a avaliação do que se considera um aluno alfabetizado no MOBRAL.

Valeria considerar ainda, a gama de estágios intermediários entre o analfabetismo e a alfabetização, com o sentido de buscar estratégias para rompê-los.

Resta, por fim, apresentar algumas questões de caráter geral que marcaram a elaboração deste estudo.

— a dificuldade de dimensionar o peso que teve o vínculo funcional do entrevistador ao MOBRAL, no conteúdo emitido pelo grupo, particularmente no que diz respeito ao valor do "estudo" e às representações expressas sobre o MOBRAL;

— as diferentes dimensões em que o "estudo" foi discutido pelos informantes, ou seja, tempo e espaço, sexo e idade, pobreza e riqueza;

— o modo pelo qual os valores que são incorporados ao "estudo" influenciam o comportamento e a percepção das distinções sociais, em parte, como diferenças de acesso ao sistema educacional;

— o modo pelo qual as representações sobre o "estudo" tendem, parcialmente, a uma legitimação do sistema social, na medida em que os grupos sociais seriam pensados a partir de diferenças dentro de um modelo hierárquico no qual o "estudo" teria um papel equalizador e mediador nas oportunidades sociais e na mobilidade social;

— o modo de captar as representações, que foram percebidas em

relação às experiências comuns ao grupo e seu contexto social, tendo por isso um caráter específico e intransferível.

Notas Bibliográficas

Berger, P.L. A Construção Social da Realidade, Vozes, Petrópolis, 1973.

Berger, Manfredo. Educação e Dependência, Difel/Difusão Editorial S/A, Porto Alegre, 1976.

Bisseret, N. A ideologia das aptidões naturais in Durand, J.C.G. (org.). Educação e Hegemonia de Classe, Zahar Editores, R. de Janeiro, 1979.

Cunha, L.A. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil, Livr. Francisco Alves Ed., Rio de Janeiro, 1977.

Da Matta, R. Carnavais, Malandros e Heróis, Zahar, Ed., Rio de Janeiro, 1979.

Gennep, Arnold Van. The rites of passage. Routledge & Kegan Paul, London. 1960.

Kowarnick, L. Capitalismo e Marginalidade na América Latina, Paz e Terra, Rio, 1977.

Leite, Lopes, J.S., Machado da Silva, L.A. Estratégias de Trabalho, Formas de Dominação na Produção e Subordinação Doméstica de Trabalhadores Urbanos in Mudança Social no Nordeste: a reprodução da subordinação, Paz e Terra, Rio, 1979.

Lockwood, D. "Fonte de Variação de Imagens que a Classe Trabalhadora tem da Sociedade" in Hierarquias em Classes. Zahar, Rio, 1974.

Machado da Silva, L.A. Mercados Metropolitanos de Trabalho Manual e Marginalidade, dissertação de mestrado Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRJ, 1971.

Perlman, J. O Mito da Marginalidade, Paz e Terra, Rio, 1977.